



## Opinião Econômica

### Rodrigo Zeidan

Professor da New York University Shanghai (China) e da Fundação Dom Cabral. É doutor em economia pela UFRJ



# A bomba atômica econômica

## Donald Trump comprou uma briga com Jerome Powell que não tem como ganhar

Donald Trump comprou uma briga que não tem como ganhar. Jerome Powell tem mais poder que ele, pois o Fed detém a bomba atômica econômica: o controle sobre os juros americanos. Se os membros do banco central dos EUA resolverem jogar os juros para a estratosfera, o dólar voltará com tudo, mesmo que isso cause crise gigantesca lá e no resto do mundo.

Paul Volcker foi o último presidente do Fed a resolver ignorar a inação do sistema político e resolver problema macroeconômico unilateralmente, custando o que custasse (e foi muito). No final da

década de 1970, a economia americana sofria de estagflação, combinação de baixo crescimento e alta inflação. A primeira onda veio com a crise do petróleo de 1973, que jogou os preços de produtos intensivos em energia na estratosfera (o preço do barril quase quadruplicou em seis meses). A economia americana saiu de crescimento de 7% com 3,4% de inflação, em 1972, para uma retração de 2% e inflação de 12,4%, em 1974. A segunda crise do petróleo não foi diferente, com crescimento do PIB e preços saindo de 6,7% e 8,9%, respectivamente, em 1978, para zero e 12,4%, em 1980.

Além dos choques do petróleo, a persistente inflação dos anos 1970 foi causada por incertezas fiscais; o déficit público passou de 3% do PIB pela primeira vez desde a Segunda Guerra. Além disso, em 1976 ocorreu o primeiro impasse orçamentário americano, com o presidente Gerald Ford brigando com democratas que queriam aumentar os gastos públicos em programas sociais. Novos impasses ocorreram no governo Carter, sinalizando incapacidade da política fiscal de normalizar a economia. Como hoje, faltava credibilidade.

Volcker resolveu acabar com a inflação quase que por decreto.

E conseguiu. Em 1980, a taxa de juros básica americana chegou a 20%, jogando a economia mundial em uma recessão profunda e disparando uma crise financeira nos EUA. Contudo, os juros absurdos pagos pelo Tesouro americano, que chegaram a mais de 15% para títulos de dez anos, acabaram com qualquer escalada de preços, já que o capital mundial migrou para os papéis da dívida dos EUA. A inflação saiu de 12,6%, em 1979, para 9,3%, em 1980, 4,5%, em 1981, e ficou por volta de 4% pelo resto da década. O choque de Volcker durou até 1982. No começo, gerou protestos tão grandes que fazendeiros pararam Washington com centenas de tratores para reclamar dos juros altos que inviabilizavam as colheitas. Quebraram os fazendeiros e muitos outros.

História de presidente da República que demite chefe da auto-

ridade monetária para forçar juros baixos acaba mal. Erdogan, presidente da Turquia, demitiu três em poucos anos, o mais recente em 2021. A inflação saltou de 19% em 2021 para 72% em 2022, terminando 2024 “somente” em 58,5%. É por isso que a pressão de Dilma sobre o Banco Central ajudou a causar a crise, Lula não deveria ter batido de frente com Campos Neto, e o novo presidente da autoridade monetária insiste na independência da instituição.

Talvez Trump já tenha percebido que vai perder se desafiar Powell, pois afirmou que não tem intenção de demiti-lo (provavelmente nem conseguiria). Mas, enquanto insistir em que o Fed deve fazer o que ele quer, vai colher o mesmo que qualquer presidente latino-americano: desconfiança e inflação. Afinal, ele não tem a senha dessa bomba.



Quem tem conta empresarial  
Banrisul agora tem limite turbinado  
do cartão Banricompras Empresas.



SAIBA MAIS



banri  
compras

banrisul  
empresas

# Fiergs revê projeção e aponta redução no percentual de alta do PIB do Estado em 2025

/CONJUNTURA

A política tarifária imposta pelo governo Trump, o problema das contas públicas que provocam aumento da inflação e dos juros no Brasil, e a estiagem que afeta o Rio Grande do Sul depois das enchentes de 2024, vão impactar o crescimento econômico do País e do RS em 2025. É este o novo cenário apontado pela Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs), elaborado pela Unidade de Estudos Econômicos (UEE), de posse dos dados já observados nos primeiros meses do ano e munida de informações que a nova conjuntura oferece. “Diferentes elementos surgiram desde o final do ano passado, fazendo com que a incerteza quanto ao futuro da economia aumentasse de forma considerável”, afirma o presidente da Fiergs, Claudio Bier.

Para o Rio Grande do Sul, a Fiergs estima uma forte redução na alta do PIB, passando de 3,3% para 2,2%, em razão principalmente da revisão no desempenho esperado da agropecuária,

que teve uma inversão completa. Pela projeção anterior, cresceria 2,1%. Agora, a previsão é por uma queda de 5,2%. No setor de serviços, a projeção foi modificada de 3,5% para 2,8%, em função dos resultados negativos registrados nos primeiros meses de 2025.

Já para a indústria, a expectativa pouco se alterou, com a projeção de aumento passando de 3,2% para 3,1%. Será apoiada na recuperação dos segmentos ligados à reconstrução e na baixa base de comparação de 2024. A produção industrial gaúcha cresceu 3,5% no primeiro bimestre de 2025 frente ao mesmo período do ano passado. As exportações não devem ser um grande vetor de crescimento da indústria gaúcha, fechando o ano em US\$ 16,1 bilhões, patamar próximo ao verificado em 2024.

No cenário nacional, é esperada uma desaceleração no avanço da atividade econômica em relação a 2024. A economia segue impactada pela instabilidade no cenário internacional, pela política monetária restritiva e inflação persistente, mas principalmente

pela elevada incerteza nas contas públicas. A projeção para o crescimento do PIB no Brasil em 2025, porém, continua mantida em 2,1%, mas apenas com ajustes na composição setorial.

A elevação da agropecuária, por exemplo, passou de 5,3% para 5,5%, por conta da safra recorde de grãos a ser confirmada. A indústria nacional, por sua vez, teve sua projeção reduzida de 1,7% para 1,4%. Contribui para isso, a desaceleração observada nos bens de consumo não duráveis. No setor de serviços, a alta passou de 2,1% para 2%. A projeção de geração de empregos formais foi mantida acima de 1 milhão de postos de trabalho e a taxa de desemprego não deve subir de forma considerável.

Como consequência de um quadro fiscal desajustado, a inflação e o juros devem continuar elevados ao final de 2025, com projeção de fechamento do IPCA em 5,4%, e do INPC em 5,3%, ambos acima das estimativas feitas no final de 2024, de 4,3% e 4,5%, respectivamente. Quanto à taxa básica de juros, a estimativa para

o Brasil é de mais uma alta de 0,50 ponto percentual, levando a Selic para 14,75% no ano e a manutenção nesse patamar até o fim de 2025.

Após dar sinais de recuperação no ano passado, o cenário global em 2025 sofre revisões, especialmente em função do tarifaço imposto pelo governo Trump. A economia global deve crescer 2,8%, segundo novas projeções

do Fundo Monetário Internacional (FMI), abaixo da previsão de 3,2% feita no final do ano passado. A boa notícia para o Brasil é que a Argentina mostra sinais de recuperação e o redirecionamento de consumo pode favorecer as exportações industriais brasileiras, assim como a abertura de novos mercados na Ásia, especialmente para produtos da agroindústria.

GUSTAVO MANSUR/PALÁCIO PIRATINI/JC



Desempenho esperado no agro influenciou na revisão da entidade